

7

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Vera T. de. Leitura e Cidadania. In: HENRIQUES, Cláudio C.; SIMÕES, Darcília. (orgs). **Língua e Cidadania**: novas perspectivas para o ensino. Rio de Janeiro: Europa, 2004. p. 34-52.

ALMEIDA, M. L. L. Viver é uma forma de enferrujar: um estudo de anguladores em semântica cognitiva. In: VALENTE, André. (org.) **Língua, Lingüística e Literatura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 253-260.

AZEREDO, José C. A quem cabe ensinar a leitura e a escrita? In: PAULIUKONIS, Ma. Aparecida L.; GAVAZZI, Sigrid. **Da língua ao Discurso**: Reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. S.P.: Hucitec, 1995.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6. ed. São Paulo: Ática. (Série educação em ação), 1995.

BARTON, D. School Practices. In: BARTON, D. **Literacy**. An Introduction to the Ecology of Written Language. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

BARTON, D.; HAMILTON, M. Understanding literacy as social practice. In: BARTON, D. **Local Literacies**. Reading and writing in one community. London: Routledge, 1998.

BARCELOS, Ana Ma. Crenças sobre aprendizagens de línguas, lingüística aplicada e ensino de línguas. **Linguagem & Ensino**, v. 7, n. 1, p. 123 – 156. 2005.

BATISTA, A. A. G. Os professores são “não-leitores”? In: MARINHO, M.(org).**Leituras do Professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras. p.23-78, 1999.

BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. Práticas de leitura, impressos, letramentos: uma introdução. In: _____. (orgs). **Leitura**: Práticas, impressos e letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BAYNHAM, M. **Literacy Practices**. Investigating Literacy in Social Contexts. London: Longman, 1995.

BENITES, Sonia A. L. Abordagem do texto jornalístico na escola: uma proposta de oficina. **Acta Scientiarum**, Maringá, 23(1): 33-42, 2001.

BLOOME, D. Reading as a social process. **Advances in Reading Language Research**. V. 2, 165-195, 1983.

BLOOME, D.; GREEN, J. L. Educational Contexts of Literacy. **Annual Review of Applied Linguistics**. V. 12, 1992. p. 49-70.

CAMPOS QUEIRÓS, Bartolomeu. O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: PRADO, Jason et CONDINI, Paulo (orgs.). **A formação do leitor** - pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Capturado em 20 de set. 1999. Online. Disponível na Internet <http://www.leiabrasil.com.br/principal/LIVRO/rosto000.html>

CASTILHO, Ataliba T. de. Reflexões sobre o português falado e o exercício da cidadania. In: HENRIQUES, Cláudio C.; SIMÕES, Darcília. (orgs.). **Língua e Cidadania**: novas perspectivas para o ensino. Rio de Janeiro: Europa, 2004. p. 15 – 33.

CHIAVEGATTO, V. C. Gramática: uma perspectiva sócio-cognitiva. In: **Pistas e Travessias**, 2002.

DaMATTA, Roberto. **Torre de Babel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London: Longman, 1989.

_____. **Critical language awareness**. Londres: Longman, 1992.

_____. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FÁVERO, Leonor L. et al. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FONTES MONTEIRO, Tatiana R. **Imagem fotográfica**. Monografia de mestrado para o curso *Tópicos em Ensino de Línguas: Multimodalidade de Textos em Ambientes Pedagógicos*, PUC-Rio, 2004. (mimeo)

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Adriana B. M. de Sá. **Como se dá o processo de leitura de uma turma de ensino médio de rede pública?** O que os mapas conceituais e os resumos retratam. Dissertação – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Docente**. 24.ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler**. 33.ed. São Paulo: Cortez.(Coleção questões da nossa época; v.13), 1997.

GADOTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs.) **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, prática e proposta**. 6.ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003 (Guia da Escola Cidadã, v. 5).

GEE, J. P. Orality and Literacy: from the Savage Mind to Ways with words. In: MAYBIN, J. (Ed.) **Language and Literacy in Social Practices**. Clevedon: Multilingual Matters, 1994.

GERALDI. (org) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática. (p 59-79), 1999.

GIROUX, H. **Escola crítica e Política Cultural**. São Paulo: Cortez, 1992.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro – 7. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HEATH, S. B. **Ways with Words**. Language, life and work in communities and classrooms. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

JOHNS, A. M. **Text, Role and Context: Developing Academic Literacies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.

KLEIMAN, Angela B; MORAES, S. E. **Leitura e interdisciplinaridade**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

KLEIMAN, Angela B.; SIGNORINI, Inês. Et al. **O Ensino e a Formação do Professor: alfabetização de jovens e adultos**. E.ed. rev. – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

KLEIMAN, Angela B. Análise e produção de textos. In: PEREIRA, M.T.G. (org.) **Língua e linguagem em questão**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1997.

_____. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 6.ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1998a.

_____. Competência, Prática e aprendizagem na escola. **Anais do Colóquio Internacional Pesquisa, Ensino de Línguas estrangeiras e Mercado: Encontros e espaços/ USP**, 1998b.

_____. O estatuto disciplinar da Lingüística Aplicada. In: SIGNORINI, I.(org.) **Lingüística Aplicada e transdisciplinariedade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998c.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 6 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999a.

_____. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social de escrita. 6. reimp. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

KERN, R. **Literacy and Language Teaching**, out. 2000. chapter 1, p. 13-41.

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 8.ed. ver. e ampl. São Paulo: Contexto, 2003.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **The Reading Images**. The grammar os Visual Design. London: Routledge, 1996.

LE MOS, C. T.G. de Interacionismo e aquisição da linguagem **D.E.L.T.A.** V. 2, n. 2, p. 231 – 248, 1986.

LUNZER, E. & GARDNER, K. **Learning from the written word**. London: Oliver & Boyd, 1984.

MARCUSCHI, Luiz A. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? In: **Em Aberto**, Brasília, ano16, n.69, jan./mar, 1996a.

_____. O livro didático de língua portuguesa em questão: o caso da compreensão de texto. In: **Caderno do I Colóquio de Leitura do Centro-Oeste**. No 18, 22/11/1996, 1996b.

_____. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Contribuições da lingüística contemporânea ao estudo das relações entre língua e conhecimento. In: HENRIQUES, Cláudio C.; SIMÕES, Darcília. (orgs). **Língua e Cidadania**: novas perspectivas para o ensino. Rio de Janeiro: Europa, 2004. p. 255 – 272.

MATENCIO, Ma. De Lourdes M. Analfabetismo na mídia: conceitos e imagens sobre o letramento. In: KLEIMAN, Angela B. (org). **Os significados do letramento**: uma perspectiva sobre a prática social de leitura e escrita. 6.reimp. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

MAYBIN, J.; MOSS, G. Talk about texts: reading as a social event. **Journal of Research in Reading**, 16(2), 138-147, 1993.

MOITA LOPES, Luiz P. Um modelo interacional de leitura e Leitura e ensino de línguas clássicas. In. **Oficina de Lingüística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de letras, 1996.

_____. Narrativa como processo de construção de identidade social em sala de aula de leitura de língua materna. In: V Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. Porto Alegre, 1998.

MOITA LOPES, Luiz P.; BASTOS, Liliana C. (orgs). **Identidades**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MORAIS, Marileda B. E. A reconstrução do processo de leitura: uma abordagem ecológica. In: SALIÉS, Tânia G.; SHERPHERD, Tania G. (orgs.). **Linguagem**: Teoria, Análise e Aplicações. Rio de Janeiro: Publit, 2005. p. 35 – 54.

NYSTRAND, M.; WIEMELT, J. When is a text explicit? Formalism and Dialogical Conceptions. **Text**, 11 (1), 25-41, 1993.

OLSON, David R. **O mundo no papel**: as implicações cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997. [Coleção Múltiplas Escritas].

ORLANDI, Eni P. **A Linguagem e Seu Funcionamento**, São Paulo, Pontes, 1987.

PAYER, Ma. Onice. **Educação Popular e Linguagem**: reprodução, confrontos e deslocamentos de sentidos. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

POSSENTI, S. A leitura errada existe. In: **Estudos Lingüísticos: Anais de Seminários do GEL XIX**. Bauru, Unesp/Gel, 1990.

_____. Ainda a leitura errada. In: **Estudos Lingüísticos: Anais de Seminários do GEL XX**. Franca, Unifran/Prefeitura Municipal de Franca/GEL, 1991.

REIS, Sirléa S. **Com a palavra, o Presidente...** as metáforas de Lula. 2005. 376p. Tese – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ed., 5. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIBEIRO, Vera M. (org.). **Educação de Jovens e Adultos**: novos leitores, novas leituras. 1.reimp. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ABL, 2002.

RIBEIRO, Vera M. **Alfabetismo e Atitudes**. 3.ed. Campinas: Papirus, 2003.

STREET, B. V. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

_____. Cross-cultural perspectives on literacy. In: MAYBIN, J. (Ed.) **Language and Literacy in Social Practice**. Clevedon: Multilingual, 1994.

_____. A critical look at Walter Ong and the 'Great Divide'. In: _____. **Social Literacies**. Critical Approaches to Literacy in Development, Ethnography and Education. London: Longman, 1995.

TEZZA, C. **Entre a prosa e a poesia**: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TUNER, Mark. **The Literary Mind**: the Origins of Thought nad Languages. Oxford: Oxford University Press, 1996.

UKFIET. **VI Oxford Conference – The Oxford International Conference on Education and Development Proceedings**. Oxford, Inglaterra: Cambridge University Press, 2001.

VAN LIER, L. **The Classroom and the Language Learner**. London: Sage, 1988.

VIGNER, G. Intertextualidade, norma e legibilidade. In: Galves, C., (Org.). **O Texto. Escrita e Leitura**. Campinas: Pontes Editores, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. [trad.]. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZILBERMAN, R. No começo, a leitura. In: **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar, 1996.

Anexos

1. Relação das atividades	131
2. Participação dos alunos nas atividades	132
3. Encontros de leitura	133
3.1. Contos de amor rasgado: “Enfim um indivíduo de idéias abertas”	133
3.2. Contos de amor rasgado: “Conto em letras garrafais”	134
4. Textos do livro didático	136
4.1. Geografia Agrária	136
4.2. Conhecendo os males causados pelas drogas	141
4.3. Conhecendo o Complexo do Nordeste	145
5. Leitura de imagens	147
5.1. Livros	147
5.2. Mapa do Brasil	148

1. Relação das atividades

<i>Data</i>		Atividade
1	2/2	“Quem sou eu” – Letramento e construção de identidades
2	11/2	Reconto de jornal
3	16/2	Leitura e re-escrita do poema “O Estatuto do Homem”, de Thiago de Melo
4	16/2	Texto opinativo sobre o poema
5	19/2	O que é o programa Vida Nova para mim?
6	2/3	Escrever sobre texto de livre escolha
7	3/3	Recontagem do filme <i>Formiguinhaz</i>
8	2/4	Recontagem de texto do livro didático
9	16/6	Minha comunidade – construção de identidades
10	17/6	Somos todos iguais? Somos todos diferentes?
11	25/6	“Se eu fosse presidente...”
12	6/7	Recontagem de texto do livro didático
13	8/7	Recontagem de texto do livro didático
14	8/7	Recontagem de texto do livro didático
15	12/7	Recontagem de texto do livro didático
16	15/7	“Cidadania é...”
17	2/8	“Viagem à América”
18	3/8	“Alegria partilhada é alegria dupla; pesar partilhado é meio pesar”. Escrever sobre reflexão.
19	19/8	O que é ler?
20	9/9	“O que é liberdade?”
21	18/9	Reescritura de um texto produzido em alguma atividade.
22	28/9	Narrativa a partir da imagem
23	4/10	Relato de experiência. Ida ao teatro. Peça: O pavão misterioso
24	9/11	Recontagem
25	30/11	O que foi o Programa Vida Nova para você?

2. Participação dos alunos nas atividades

Aluno ¹	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Aline	√	√	√		√		√	√	√			√	√	√	√				√		√	√		√	√
Mauro	√	√	√	√	√	√						√			√						√	√		√	√
Artur		√	√		√		√				√	√			√	√	√		√		√	√		√	√
Claudia		√	√	√	√	√	√	√		√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√
Anderson	√	√	√									√		√				√	√		√	√			
Heloisa	√	√	√		√			√																	
Kássia	√	√	√		√						√	√	√			√			√		√	√		√	
Marcos	√	√	√		√		√					√			√										
Michele	√	√	√		√			√				√			√						√			√	
Flávia		√	√	√	√	√						√	√					√	√						√
Geovana		√	√		√		√	√													√	√		√	√
Elton			√		√		√	√		√	√	√	√		√	√	√	√			√				√
Daiane			√	√	√	√	√			√					√						√				
Carlos			√		√							√			√			√						√	
Tatiana	√	√	√		√		√	√			√	√				√					√				
Gleice		√	√	√	√	√	√	√				√	√		√	√									
Aurelio		√	√	√	√		√		√	√		√			√	√			√	√		√		√	
Elizabeth		√			√			√				√			√				√						

Legenda

	Fase 1: diagnóstico
	Fase 2: intervenção
	Fase 3: diagnóstico

¹ Nomes fictícios

3. Transcrição de alguns trechos dos encontros de leitura²

3.1. Contos de Amor rasgado: “Enfim um indivíduo de idéias abertas”

Eu: (leitura em voz alta) “Enfim, um indivíduo de idéias abertas. A coceira no ouvido atormentava. Pegou o molho de chaves, enfiou a mais fininha na cavidade. Coçou de leve o pavilhão, depois afundou no orifício encerado. E rodou, virou a pontinha da chave em beatitude, à procura daquele ponto exato em que cessaria a coceira. Até que, traque, ouviu o leve estalo e a chave enfim no seu encaixe, percebeu que a cabeça lentamente se abria.” E aí, o que acharam?

Todos: risos

Eu: Vocês estão vendo como não podemos ler esse texto ao pé da letra? E se fizermos isso o texto terá algum sentido?

Cláudia: Sim, temos que pensar em outros sentidos para as palavras.

Artur: A coceira é um problema que ele tinha.

Eu: Então temos aqui um caminho para compreender o texto. Trata-se de um homem que tem algum problema que o atormenta. E, seguindo esse caminho, que significa a chave e o molho de chaves?

Aline: A chave é a solução do problema.

Eu: Então o encaixe aqui significa a comprovação da solução do problema. Sendo assim, e o molho de chaves? E por que ele escolheu a mais fininha?

Artur: O molho de chaves pode ser várias soluções para o problema e a mais fininha é a solução mais simples.

Eu: Existe ligação entre a solução de um problema e o fato de a cabeça dele se abrir lentamente?

Claudia: Tem, porque os problemas deixavam ele com a cabeça fechada e aí ele ficou preso para ver outras coisas de um jeito não fechado.

² Transcrição livre.

Aline: Mas eu vejo que coceira é uma curiosidade e as chaves conhecimentos e a mais fininha é um conhecimento mais simples.

Claudia: É verdade, pode ser que ele tenha escolhido um livro pequeno que abriu a sua cabeça para pensar nas coisas de forma diferente.

Artur: Também pode ser isso.

Eu: Então, segundo essa leitura, o que levou o homem a abrir lentamente sua cabeça foi a busca pelo conhecimento. O que é uma pessoa que tem idéias abertas?

Aline: Uma pessoa sem preconceitos.

Mauro: Uma pessoa que quer descobrir coisas novas.

Eu: Esse segundo caminho de interpretação também pode nos fazer ler a chave como um livro que abre a cabeça do leitor. Ou seja, mesmo sendo um livro pequeno ou um conto pequeno como esse que estamos lendo tem o poder de abrir nossas cabeças lenta ou rapidamente. Abrir as nossas cabeças através de livros, contos, vídeos e outros meios é um dos objetivos desse nosso encontro de leitura. Isso porque, geralmente a leitura é vista como apenas uma maneira de se obter informações e não criar significados ou usar a imaginação. Na escola, se não respondemos da maneira como o professor pensa, ele diz que ta errado...

Mauro: Eu tinha esse problema na escola, muitas vezes eu respondia e minhas professoras falavam que tava errado.

Artur: O pior é quando a gente ler errado e o pessoal começa a rir.

Mauro: As próprias pessoas que estão no buraco com você contribui mais ainda que todo mundo afunde de vez.

Eu: Isso acontece porque a pessoa não acredita nela e não acredita em você.

Luciana: Isso mesmo.

Eu: E aí o cara ri por você errar e você não tenta mais. É um mecanismo de poder. Têm uns caras estudando isso lá na faculdade.

Claudia: Certo...

3.2. Contos de amor rasgado: “Conto em letras garrafais”

Eu: (leitura do texto em voz alta). “Conto em letras garrafais. Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro suas mensagens, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra.” E aí, pessoal?

Artur: Ele está precisando de ajuda.

Claudia: Alguém vai ter que responde para ele poder viver. E por não ter ninguém para responder, era como se ele tivesse ninguém para ligar para ele.

Eu: e aí? Não recebeu resposta?

Claudia: e aí pirou de vez.

Eu: O que mais? Pessoal...

Aline: Essa garrafa parece um caminho errado. Parece que ele ta procurando algo que não vai encontrar e isso se tornou um problema para ele. Ele não consegue ver a luz no fim do túnel...

Claudia: mas ele é um alcoólatra de verdade?

Artur: claro que é! Se cada garrafa ele bebia tudo o que estava dentro...

Eu: sim, mas pode ser outra coisa. A garrafa não precisa ser uma garrafa de verdade...

Aline: é isso que eu acho.

Mauro: isso é desculpa pra beber.

Todos: risos

Eu: vamos ler o texto novamente. Todos os dias esvaziava uma garrafa...

Claudia (interrompendo): todos os dias esvaziava... parece que ele ta com vontade de falar...

Eu: o mar pode ser a multidão... existe a expressão um mar de gente...

Claudia: ele estava em busca de algo e não achava.

Eu: ele se esvaziava... mas colocava de volta aquilo que queria falar...

Artur: como ele se esvaziava e colocava a mensagem dentro de si próprio?

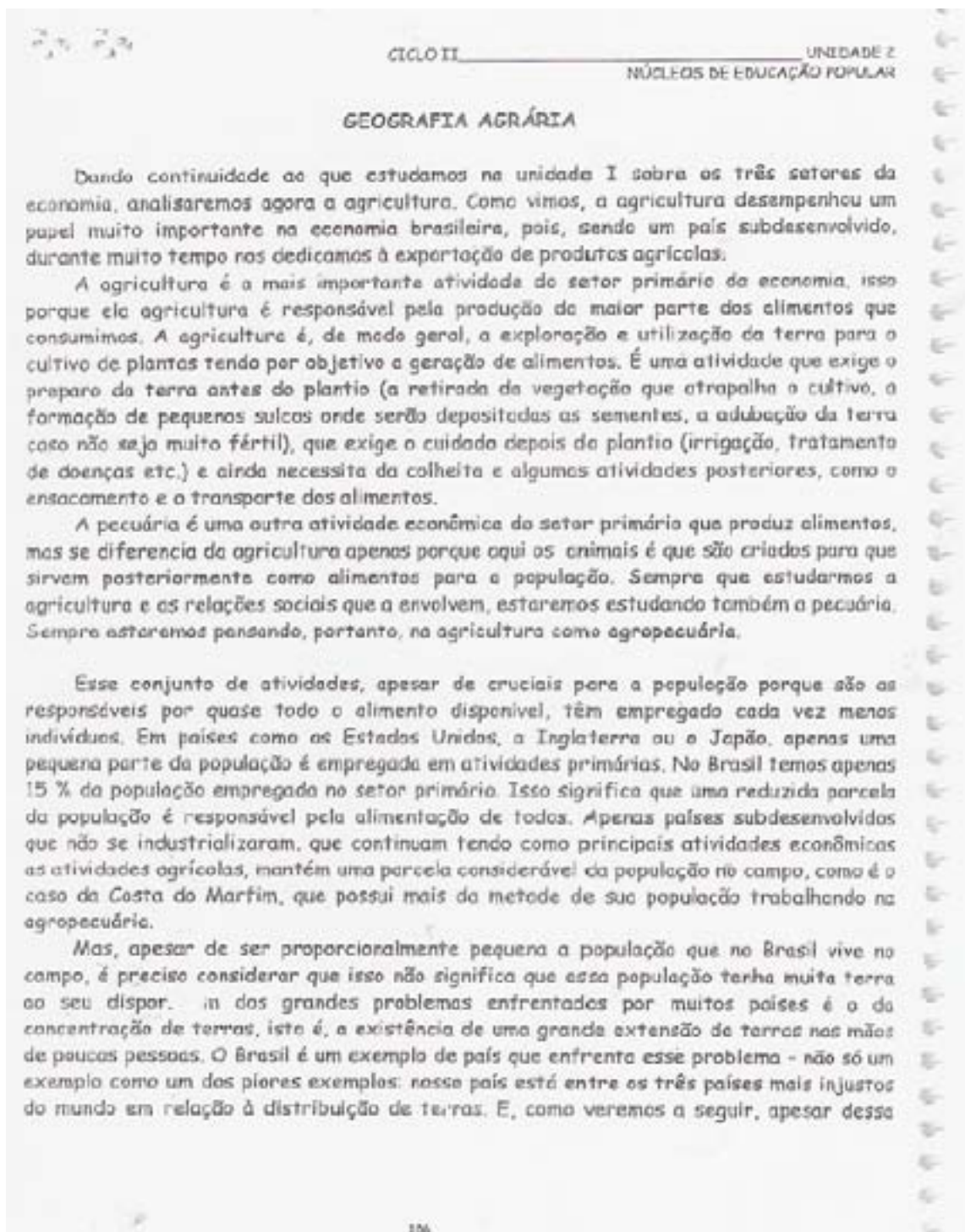
Mauro: o álcool é uma droga depressiva.

Artur: caminho que se deixar não tem volta...

Eu: legal. Um texto te faz imaginar um montão de coisas...

4. Textos do livro didático

4.1. Geografia Agrária





concentração, são os agricultores com pequenas propriedades que cultivam a maior parte dos alimentos consumidos pelos brasileiros.

Vejamos a tabela a seguir:

Estabelecimentos agrícolas	Número de estabelecimentos	Área ocupada
Propriedades com até 100 hectares	89 %	22 %
Propriedades entre 100 e 1.000 hectares	10 %	36 %
Propriedades com mais de 1.000 hectares	1 %	42 %

Fonte: IBGE. *Censo agropecuário 1996*.

Obs.: um hectare (ha) é uma medida de área equivalente a dez mil metros quadrados (10.000 m²). Se você não consegue visualizar facilmente um hectare pense num campo de futebol oficial: o campo do Maracanã, por exemplo, tem exatamente um hectare.

Essa tabela nos indica que uma parcela pequena das propriedades rurais, menos de 1 % das fazendas, ocupam quase a metade de toda a área agrícola no Brasil. São propriedades imensas, com mais de 1.000 hectares. Isso significa que há pessoas no Brasil que são donas de áreas equivalentes a milhares de vezes o Maracanã. E, na maioria dos casos, essas propriedades são obtidas de modo violento e ilegal. Enquanto isso, a maior parte das propriedades rurais no Brasil, quase 90 % do total, ocupam apenas 22 % de toda a área do país. Apesar de ocuparem uma pequena parte do espaço agrícola brasileiro, as propriedades com menos de mil hectares que produzem a maior parte dos alimentos do país.

Essa parcela privilegiada da população que possui imensas propriedades, esse pequeno número de pessoas que possuem imensas fazendas são os chamados latifundiários. Latifundiários são os donos dos latifúndios (lat = amplo = fund = terra), isto é, são os proprietários de grandes extensões de terra.

Se o Brasil é um dos países com a maior concentração de terras do mundo, então a maior parte das terras estão nas mãos dos latifundiários. Vamos ver a seguir como é que nasceu esse quadro de concentração no período de colonização com as Capitais Hereditárias.

O grileiro

A maior parte dos grandes latifundiários do Brasil são grileiros, isto é, eles fazem o "grilo", depois de ocupar uma imensa área, eles forjam documentos e colocam o papel com grilos numa gaveta. Depois de um bom tempo, o papel fica amarelado devido às substâncias liberadas pelo grilo, com este papel, que agora parece velho, eles "demonstram" que herdaram as propriedades de seus avós ou pais.

AGINDO

Quais os problemas que o latifúndio causa para a população de um país?

AS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS: ORIGEM DOS LATIFÚNDIOS NO BRASIL

Os mais de quinhentos anos de história da agricultura no Brasil podem ser resumidos da seguinte forma: é uma história de concentração. Uma história em que muitos têm uma pequena propriedade, um pequeno lote de terra, enquanto alguns poucos têm imensas propriedades, muitas vezes com lotes equivalentes ao tamanho de países.

A história dessa concentração começa com as Capitanias Hereditárias. Como visto na unidade anterior, o Brasil nasceu como uma colônia de exploração de Portugal, o que significou uma total exploração dessa nova terra para que alguns portugueses lucrassem. Os planos para a colonização do Brasil seguiram, portanto, a idéia de exportar produtos primários para a Europa. Para isso, o rei de Portugal dividiu todo o território brasileiro da época em 15 grandes faixas de terra. Essas faixas, que podem ser vistas no mapa a seguir, foram dadas a alguns ricos portugueses para que eles comesçassem a exploração de nossa terra. Essas imensas faixas de terras, que se tornaram propriedade de alguns poucos homens, eram as Capitanias Hereditárias e são a origem do latifúndio no Brasil.



Apesar de muitos desses Capitanias não terem sido exploradas pelos senhores que tinham o direito sobre elas - e por isso foram devolvidas à Coroa Portuguesa -, a partir daí toda a exploração portuguesa realizada em terras brasileiras terá como característica a extrema concentração de terras. Com a produção da cana-de-açúcar, por exemplo, firmou-se em solo brasileiro o modelo típico da atividade agrícola em colônias de exploração: a *plantation*.

A *plantation* nada mais é do que uma grande propriedade agrícola (um latifúndio) que cultiva um único produto (chamamos, por isso, da propriedade com monocultura, isto é, propriedade com uma única cultura agrícola), que emprega muita mão-de-obra mal remunerada (ou, no caso das colônias, que emprega mão-de-obra escrava) e que utiliza técnicas agrícolas rudimentares.

A cana-de-açúcar, o café, o cacau e muitos outros produtos que "fizeram a história do Brasil" foram cultivados em regime de *plantation* e, ainda hoje, boa parte da produção agrícola brasileira é obtida em *plantations*.

É como se, depois de tanta exploração, não tivéssemos aprendido muita coisa - e até mesmo alguns erros absurdos que pareciam superados como a escravidão, ainda são comuns em grandes propriedades no interior do Brasil.

A PEQUENA PROPRIEDADE: POUCAS TERRAS QUE ALIMENTAM OS BRASILEIROS

Apesar de ocuparem apenas uma pequena parte de toda a terra voltada para a agricultura no Brasil, as pequenas propriedades e os minifúndios são responsáveis pela maior parte dos alimentos consumidos pelos brasileiros. Ou seja, apesar da sociedade brasileira não se importar tanto com a situação injusta que enfrentam, os pequenos agricultores ainda assim realizam um importante papel social: alimentam a nossa população.

Isso mesmo, apesar de vermos aquelas grandes propriedades agrícolas nos comerciais da TV, apesar de vermos os grandes e milionários "reis do gado" nas novelas, os latifundiários produzem, na maior parte dos casos, não alimentos básicos para a população, mas produtos de exportação. Fléís a tradição brasileira de se subordinar aos interesses estrangeiros ditados pela Divisão Internacional do Trabalho, os latifundiários produzem culturas de rico, isto é, produzem gêneros agrícolas que são voltados para a exportação, como café, soja, cacau etc.

Ninguém enche a barriga com café, não é? O que o brasileiro come todos os dias é arroz, feijão, batata, mandioca, beterraba, etc., alimentos que, por serem consumidos pela maior parte da população, têm preços inferiores àqueles voltados para exportação.

Esses produtos são, por isso, cultivados por pequenos proprietários. São os agricultores que produzem arroz e feijão para sua família e que vendem o sobra (o excedente). São as pequenas propriedades que empregam toda a família na produção ou então os proprietários de terras que empregam entre 1 e 10 empregados os responsáveis pela alimentação do brasileiro.

AGIENDO

Relacione adequadamente as colunas a abaixo a partir do que você aprendeu até agora sobre agricultura:

- | | |
|------------------------|---|
| A. Latifúndio | () grande propriedade de terras |
| B. Pequena propriedade | () produção de alimentos para a população brasileira |
| | () produção de artigos de exportação (cultura de rico) |
| | () gera emprego e cidadania |
| | () gera sem-terras e concentração de riquezas |
| | () <i>plantation</i> |

4.2. Conhecendo os males causados pelas drogas



Os males causados pelos vícios não são menos significativos que os do fumo. A Organização Mundial de Saúde considera o alcoolismo como uma das doenças que mais matam no mundo.

Fígado: hepatite, cirrose (endurecimento e degeneração do tecido);

Pâncreas: pancreatite (inflamação na qual o órgão libera as enzimas no próprio tecido);

Estômago: úlceras, gastrite;

Sistema nervoso: lesões cerebrais, epilepsia, psicose e demência. Determina ainda a atrofia das testículos, reduzindo o número de espermatozoides e nos ovários, o efeito é semelhante.

Álcool na gestação

As gestantes usuárias do álcool podem apresentar:

- Malformações nos recém-nascidos,
- Síndrome da abstinência alcoólica do recém-nascido com alterações neurológicas tipo convulsões. O recém-nascido recebe um teor alcoólico diário (via circulação materno-fetal) e quando fica privado deste álcool pode apresentar esta síndrome.

Anabolizantes



Os esteróides anabolizantes, mais conhecidos apenas com o nome de anabolizantes, são drogas relacionadas ao hormônio masculino Testosterona, fabricado pelos testículos, sendo sua função principal a reposição deste hormônio. Além disso, têm a propriedade de aumentar os músculos e por esse motivo são muito procurados por atletas ou pessoas que querem melhorar a performance e a aparência física, acarretando vários problemas à saúde.

Essa droga pode ser tomada em forma de injeção ou comprimidos, sendo seus efeitos principais: tremores, acne severa, retenção de líquidos, dores nas juntas, aumento de pressão sanguínea e tumores no fígado.

Ocasiona no homem a diminuição do tamanho dos testículos e da quantidade de espermatozoides, gera impotência, infertilidade, calvície, desenvolvimento de mamas, dificuldade ou dor para urinar e aumento de próstata. Na mulher, ocasiona crescimento de pelos faciais, alterações ou ausência de ciclo menstrual, aumento do clitóris, voz grossa e diminuição de seios; e nos adolescentes, provoca a maturação esquelética prematura e puberdade acelerada, levando a um crescimento raquítico.

O abuso de anabolizantes pode causar ainda uma variação de humor, incluindo agressividade e raiva incontroláveis, que podem levar a episódios violentos.

Anfetaminas

Estimulam o sistema nervoso central, provocando uma sensação de vivacidade, agilidades da fala e aumento da atividade física e motora. Essa droga é usada também para o controle do apetite e, não raro, seu usuário acaba se tornando dependente da mesma. Seus efeitos colaterais podem ir da sonolência, tontura, e perda temporária da memória a um estado de coma temporário. Vendido normalmente na forma de um líquido; no Brasil, tem o nome de Gaba. Costuma ser apresentado pelos falsificadores como Ecstasy.

Barbitúricos

Os barbitúricos têm efeitos tranquilizantes e sedativos. São compostos sintéticos que atuam no SNC. Levam ao sono. São utilizados numa técnica da psicandlise denominada: Narco-Análise.

Combate a ansiedade e a insônia. Com o tempo, o indivíduo desenvolve o fenômeno de tolerância.

Calmentes

São drogas ou medicamentos que deprimem o sistema nervoso, causando desde sonolência até inconsciência. São mais conhecidos por diminuírem o nervosismo (ansiedade) e provocar sono. Neste grupo, estão os benzodiazepínicos (p. ex.: diazepam), os barbitúricos e até o álcool.

Os benzodiazepínicos atuam sobre a ansiedade e a tensão, provocando sonolência, diminuindo a coordenação motora, e dificultando movimentos físicos. Por isso, aumentam os riscos de acidentes. Também diminuem a memória e aumentam o apetite. Doses muito altas ou a mistura com bebidas alcoólicas podem levar a intoxicação severa, com

inconsciência e morte. Quando usadas por alguns meses seguidos, podem levar à dependência, fazendo com que o usuário fique irritado, insone, com sudorese, até convulsões. Normalmente, apresentam o sufixo-pam, como Diazepam e o Lorazepam.

O uso prolongado (por mais de um mês) de qualquer calmante, pode ocasionar dependência. Existem pessoas que têm maior risco de se tornarem dependentes, como os alcoólatras e as crianças, por isso, a utilização destes remédios deve ser sempre acompanhada por um médico e deve durar, no máximo, poucas semanas.

Cocaína

A cocaína é uma droga extraída das folhas da planta coca. Ela pode chegar até ao consumidor na forma de pasta (a pasta base) ou na forma de pó (cloridrato de cocaína) que pode ser aspirado, diluído em água para ser injetado ou sob forma de uma base (crack) para ser fumado. A cocaína apresenta, inicialmente, efeitos bastante rápidos, produzindo euforia, "sensação de poder", "sensação de brilho", estado de excitação, hiperatividade, insônia, falta de apetite e perda da sensação de cansaço.

Com o aumento dos doses, começam a aparecer sinais de irritabilidade, agressividade, "visões" (alucinações) e "viagens" (delírios), levando à toxicomania. Pode ainda produzir dilatação das pupilas, aceleração do coração, degeneração muscular, ansiedade, mudanças de ânimo e humor, pânico, pensamentos paranóicos, irritabilidade, agressividade, inquietação, crises convulsivas, respiração rápida e irregular, podendo ocorrer à morte.

Inalantes

São vários os tipos de inalantes, os mais simples e baratos são os mais utilizados, e podem ser: gasolina, adesivos, fluido para isqueiro, acetona, cola de sapateiro, massa plástica, clorofórmio, lança perfume, éter, spray para cabelos, desodorantes.

São substâncias voláteis usadas como drogas, apesar de não serem. Essas substâncias provocam euforia e excitação. Passado o efeito, vem uma ressaca eventualmente semelhante a do álcool. Afetam a respiração (descompasso), causando a sensação de estrangulamento, palpitação do coração e asfixia, priva o cérebro de oxigênio.

Crack

É uma mistura de pasta básica de cocaína, isto é, cocaína não refinada em forma de pasta, que se adiciona bicarbonato de sódio, onde através disso a mistura se petrifica, podendo ser queimada com brisas ou lume (chamas) quando é inalada num cachimbo, muitas vezes artesanal, normalmente chamada de "marica".

4.3. Conhecendo o Complexo do Nordeste

Programa Vida Nova / Ensino Fundamental Círculo 4

Conhecendo o Complexo do Nordeste

O complexo do Nordeste foi a porta de entrada dos portugueses, portanto a região de ocupação mais antiga. É também uma região conhecida como região-problema, pois apresenta algumas características que permitem chamá-la de complexo econômico mais pobre do país. O que não significa que todos que habitam nessa região sejam pobres, nem que em outras regiões também não existam pobres.

Se voltarmos ao mapa dos complexos geoeconômicos, podemos observar que o Nordeste abrange todo o estado da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Mas apenas a metade oriental do Maranhão pertence a essa região, pois a outra parte apresenta uma condição natural e econômica muito mais próxima da Amazônia. Também o Nordeste engloba o norte de Minas Gerais, pois possui características semelhantes às nordestinas.

Utilizada principalmente em toda a sua história como área de exploração agrícola, o Nordeste só começou a se industrializar a partir da segunda metade do século XX (século passado, lembra-se?). Mas até hoje a atividade industrial está restrita a algumas importantes cidades, como Salvador, Fortaleza, Recife e etc.

O Nordeste é sempre tomado como uma única grande região em que tudo é igual, mas existem diferenças muito acentuadas no interior deste complexo regional, por isso podemos diferenciar o Nordeste em quatro sub-regiões, que são apresentadas no mapa a seguir.

Figure nº 11 – mapa da região Nordeste

Vamos conhecer um pouco sobre cada uma dessas sub-regiões:

Zona da Mata

É o litoral nordestino, a área que sofreu maior processo de urbanização em toda a história do Nordeste, por isso se apresenta como a área do Nordeste onde a população se concentra principalmente. É também a área mais úmida, pois as nuvens carregadas que se formam no Oceano Atlântico provocam chuvas frequentes na Zona da Mata.

Sertão

O Sertão nordestino é uma área semi-árida (ou seja, ocorre a escassez de água), em que a vegetação mais comum é a caatinga (apresentando cactos, por causa da falta de água). É uma região com problemas sociais em decorrência principalmente do fenômeno da seca.

A seca que periodicamente ocorre no Sertão é um fenômeno natural, caracterizando-se pelo fato de que em algumas áreas durante um ano inteiro não chove: a estação seca (o período do ano em que chove pouco ou não chove) acaba se estendendo por todo o ano.

Se o problema se resumisse a isso não haveria maiores dificuldades, pois em várias partes do Sertão existem brejos e rios com água durante todo o ano, além de que é

66



possível também perfurar o solo e criar poços artesianos. Só que a história da região é conhecida pelas grandes propriedades, os latifúndios, ou seja poucas pessoas detêm imensas terras e, claro, as do melhor solo, irrigadas. Com essa concentração de terras, resta para a maioria o tarefa de enfrentar a seca. Como a maioria desses grandes proprietários de terras, os chamados coronéis, são políticos poderosos, não há interesse em se eliminar de uma vez por todas o problema da seca. É por isso que se formulou o termo "indústria da seca", pois a seca transformou-se numa "indústria" muito lucrativa para alguns poucos nordestinos.

Agreste

É uma zona de transição entre a Zona da Mata úmida e o Sertão semi-árido. É utilizada principalmente para a agricultura e a pecuária, servindo para abastecer de alimentos muitos das cidades do litoral.

Meio-Norte

É a transição entre o Sertão semi-árido e as áreas úmidas da Amazônia. Sua atividade econômica principal está relacionada ao extrativismo da camaúba e babaçu, tipos locais de palmeiras que apresentam frutos donde se retiram óleos, lubrificantes, sabonetes etc. Esta, por causa dessa exploração, sofrendo um intenso desmatamento.

Como as atividades econômicas do Nordeste foram se esgotando ao longo do tempo, sendo substituídas por outras e as mais importantes foram ciclos agrícolas, no momento em que o Brasil se afirmou como país industrializado, a população do Nordeste passou a procurar novas formas de ocupação, novos empregos nas regiões que ofereciam trabalho. Por isso a região Nordeste, ao longo de todo o século XX, se caracterizou como região que expulsa sua população. Na próxima unidade veremos isso um pouco mais detalhadamente. Atualmente não é um produto agrícola que tem estimulado o desenvolvimento econômico do Nordeste, mas o turismo. Graças às belezas naturais da região, muitos turistas têm procurado os estados do Nordeste, principalmente aqueles litorâneos, que oferecem belas praias.

Agindo

Veja a pintura a seguir e leia o texto ao seu lado, ambos tratam de um mesmo problema que ocorre no Nordeste. As palavras que não entender, você deve procurar no dicionário, são termos regionais, típicos de linguagem nordestina. Depois, tente responder ao que se pede.

"... Saíram de madrugada. Sinhá Vitória meteu o braço pelo buraco da parede e fechou a porta da frente com a tarimbada. Atravessaram o pátio, debaram na escuridão o chiqueiro e o curral, vazios, de porteirolas abertas, o carro de bois que apodrecia, os juazeiros. Ao passar junto às pedras, onde os marinhos atiravam cobras mortas, Sinhá Vitória lembrou-se da cachorra Baleia, chorou, mas estava invisível e ninguém percebeu o choro.

5. Leitura de imagens

5.1. Livros



5.2. Mapa do Brasil

